

LIMITES DO REAL NO POEMA: UM DEPOIMENTO

João Batista de BRITO

Um velho professor aposentado dizer que muito aprendeu com os seus ex-alunos é um clichê manjado e talvez insuportável.

Pois começo este depoimento com este clichê insuportável e não me incomodo, até porque o bom de todo clichê é que ele é verdadeiro. Este pelo menos é, e como veremos, muito.

Sim, nos trinta anos de ensino na UFPB – dos quais vinte no programa de pós-graduação em Letras – aprendi horrores com meus alunos, quer em sala de aula, quer em orientação de dissertações e de teses.

Como se sabe, a maior parte da atividade no curso de letras consiste em análise, sem coincidência, a minha “xícara de chá preferida”. Aliás, digo que se sabe, mas, tenho minhas dúvidas se todo mundo atuando no curso de letras tem consciência disso.

Normalmente, seja qual for a linha de pesquisa assumida, o que é que se faz? Estuda-se um corpus literário que deve ser analisado à luz de uma dada teoria, escolhida pelo professor-orientador, ou pelo aluno-orientando.

Como essa teoria é alheia (digo, não é de autoria do professor, e muito menos do aluno), corre-se o risco de se fazer um trabalho automático, mecânico, burocrático. Toda a luta do professor-orientador é no sentido de não deixar isso acontecer.

A análise é a instância acadêmica em que o pesquisador pode se aprofundar e, se for o caso, produzir conhecimento. Não é improvável que uma análise bem feita, perspicaz, vertical, criativa, problematize a teoria adotada e, eventualmente, aponte para a criação de uma nova teoria.

No meu caso, que integrei e depois coordenei a linha de pesquisa em teoria do texto poético, eu vi, aqui e acolá, lampejos disso em sala de aula, quer nos seminários apresentados pelos alunos, quer nas opiniões emitidas por eles, nas discussões em grupo. Em alguns casos, eram *insights* que enriqueciam o *corpus* estudado e redimensionavam o instrumental teórico adotado. E se isto acontecia em classe, um pouco mais ainda nas elaborações das dissertações e teses.

Se fosse para falar em nome do nosso PPGL como um todo, creio poderia dizer que produzimos, todos nós, professores e alunos, uma gama de conhecimento no terreno da análise, lançando novas luzes sobre *corpora* literários a partir do apelo a teorias alheias, e o nosso acervo de produção não fica a dever a outras pós-graduações no Brasil.

Por outro lado, não chegamos a propor, digamos, um novo paradigma teórico ao mundo. Pelo menos que eu saiba, não. Nem foi, nem é este o objetivo do Programa, creio.

Pois, curiosamente, o real motivo deste depoimento de professor aposentado é registrar um caso muito especial, de uma nova e original proposta teórica, saída, não da minha cabeça, mas da cabeça de um ex-aluno do nosso curso. E dou-me ao trabalho de fazer o registro porque o referido ex-aluno não chegou a redigir a sua ideia, que conheço de conversa informal. Pensou em transformá-la em tese de doutorado, porém, foi infelizmente, desviado do enfoque em vista dos interesses do seu atual orientador. No momento, ele conclui o doutorado em Porto Alegre e me autorizou a divulgar sua idéia que, como veremos, sugere uma nova postura na leitura do texto poético.

Antônio Rodrigues foi meu aluno de mestrado e fez, no começo dos anos 2000, uma interessante dissertação sobre a possibilidade de ensinar poesia aos adolescentes com

o manuseio de grades teóricas facilmente digeríveis, no caso, o conceito de acoplamento linguístico em Samuel Levin e o de isotopia em François Rastier.

O resultado ficou ótimo e pronto para ser utilizado, mas, para ser bem sincero, devo dizer que AR tem mais facilidade para pensar do que para escrever. No processo da orientação, tive algum trabalho em ajeitar suas palavras ou frases, embora não tinha tido trabalho algum em ajeitar as suas ideias. Se porventura sua escrita ainda precisa de orientação (a essa altura, creio que não mais!), o seu pensamento, não. AR é, sem dúvida alguma, esse tipo de pesquisador que nasceu para pensar – coisa rara, convenhamos, mesmo nos nossos meios acadêmicos.

Com algum esforço mental, vou aqui tentar resumir a sua proposta teórica, que daria uma bela tese, não em literatura propriamente dita, mas em teoria literária. Bem melhor que isso: um belo livro, instigante, absorvente e polêmico.

Para chegar lá, começo com a leitura de um poema de Sérgio de Castro Pinto que, segundo AR, foi decisivo para a concepção de sua ideia. O poema se chama “*Macaxeira*” e lê assim:

um jeito de quem monta
o mundo em pelo.

um jeito de quem usa esporas
sobre as mil rodas
que trafegam nos seus nervos.

um jeito rural
de quem liberta os cavalos
do carro que deseja ser.

um jeito de quem pisa fundo
desrespeitando os semáforos do mundo.

Macaxeira foi um tipo folclórico da João Pessoa dos anos sessenta, um louco que corria pelas ruas da cidade como se fosse um carro – em suma, uma figura verídica que eu mesmo conheci e muito ri de suas freadas bruscas no Ponto de Cem Réis, toda vez que o sinal fechava, ou da velocidade que suas fracas pernas eram obrigadas a desenvolver quando a sua mão direita passava, no ar, uma marcha mais rápida.

Com certeza, para a maior parte das pessoas, não vai haver possibilidade de compreensão do poema de Castro Pinto se o leitor não dispuser da informação “biográfica” sobre o personagem Macaxeira.

Já que os livros de Castro Pinto têm estado em programas de vestibulares, eu até imagino o poema sendo ensinado em escolas secundárias, e antevejo duas alternativas opostas: (1) o professor detém a informação biográfica; (2) o professor não detém essa informação. No primeiro caso, eu diviso o professor orgulhoso em repassar a informação para os alunos, quem sabe, talvez até acreditando – ou, se for o caso, fazendo os alunos acreditarem - que essa informação, tornando o poema legível, “matou a charada”, como se nada mais houvesse a dizer sobre a textualidade depois disso. No segundo caso, não consigo divisar nada além de um professor desesperado por não conhecer a estória de Macaxeira, enfrentando o texto com seus próprios recursos que, queira Deus, sejam suficientes à análise.

Na minha tese de doutorado sobre a poética de Castro Pinto, constatei a existência de vários poemas desse tipo, poemas demandando um conhecimento anterior da época e do local onde os personagens descritos viveram (aí incluído ou não o chamado “eu lírico”), e, a partir daí, criei uma categoria estilística que chamei de “epolocalidade” - isto com o cuidado de não decidir quanto a sua funcionalidade, no terreno da recepção.

Ora, AR acredita – e é aqui que entra a sua singular e curiosa teoria - que o usufruto da poeticidade não ocorre de forma plena se o leitor intrometer, na análise, o contexto biográfico do personagem. Para ele, no caso do estudo deste e de qualquer poema, a informação biográfica deveria ser proibida ao leitor, e se o professor por acaso a detém, deveria sonegá-la... para o bem do leitor, e, sobretudo, para o bem do poema.

Sem a informação biográfica, segundo AR, o personagem, - junto com o poema - fica muito mais misterioso, mais ambíguo, mais múltiplo, e, portanto, mais poético. Enquadrá-lo no real seria “matá-lo”, como na charada do professor feliz acima imaginado. Não apenas isso: seria um insulto ao poema, o qual, em si mesmo, já possui a força discursiva para se impor como texto poético.

De fato, com ou sem incursões biográficas, o poema de Castro Pinto é magnífico. Notem que, partindo de um clichê implícito do tipo /cavalos-vapor que movem automóveis/, ele criou e imbricou três campos semânticos que dão condição de existência as suas muitas e efetivas metáforas – um campo do trânsito, da cavalgada e do humano. Seja quem for esse Macaxeira, metonimicamente descrito a partir de seus “jeitos”, sempre divisado no entrelaçamento destes campos diferentes, ele é uma figura poética que adentra a imaginação do leitor e lá – para usar a linguagem do poema – fica trafegando. Com o adicional de que o personagem do poema: (1) obviamente não é o personagem real e (2) – ponto mais importante! – é poeticamente fascinante como, com certeza, nenhum personagem real conseguiria ser.

No livro de Castro Pinto *Domicílio em trânsito* (1983), o poema “*Macaxeira*” está incluso numa série que se chama “*Viventes municipais*” o que, em princípio, para o leitor que desconhece o contexto epocal do poema, ajudaria na caracterização do personagem. Não discuti o assunto com AR, mas desconfio mesmo que ele preferiria a inexistência dessa pequena pista biográfica.

Pois bem, tudo aqui colocado sobre a leitura de “*Macaxeira*”, a saber, o radical apagamento do elemento biográfico, ou se for o caso, autobiográfico, é, para AR, válido para qualquer poema, lírico, narrativo, ou de outra espécie. Como quase toda a poesia lírica conhecida tem – segundo testemunho frequente dos próprios poetas – traços autobiográficos, a conclusão é que a proposta de AR adquire automaticamente uma aplicação genérica.

Em suma, ignorar a vida de Drummond, ou de qualquer outro poeta, renderia muito mais para a leitura de seus livros. No poema “*No meio do caminho*” ir atrás dos fios que unem o autor ao texto seria desvencilhar-se de sua universalidade e, assim, diminuir a carga poética. Nada atrapalharia mais, segundo AR, uma apreciação plena da poética de Augusto dos Anjos do que uma leitura literal da palavra EU na capa do livro.

Evidentemente, a proposta teórica de AR não nasceu do nada. Como se sabe, os teóricos do século XX que se debruçaram sobre o funcionamento do texto poético destacaram – uns de um modo, outros de outro – como característica fundamental da poesia, a obliteração da referencialidade. Não é que um poema não se refira a nada, mas, toda e qualquer referência poética ao mundo real aparece textualmente transfigurada, nem sempre facilmente reconhecível e nem sempre confiável. Esse parcial ofuscamento do real seria o traço que distingue o discurso poético do discurso comum.

Foi em cima dessa base genérica, abstrata, conceitual, que AR construiu, na sua cabeça de pensador, o seu particular modelo de leitura para o texto poético, no caso, observem bem, avançando sobre a tradicional, genérica e vaga “obliteração da realidade” para algo mais específico e também mais radical.

Se fosse para grosseiramente resumir a sua proposta teórica, diríamos o seguinte: que todo poema supostamente (auto)biográfico (e repito: quase todo poema lírico o é) funciona melhor se o leitor desconhece a vida particular do (auto)biografado. Notar que a sua proposta não supõe apenas a irrelevância dos elementos (auto)biográficos, mas decide pelo seu apagamento, como condição sine qua non para que a poeticidade passe a existir.

Se pensarmos nas tradicionais interpretações de poesia que estão nos nossos livros didáticos – e não apenas nos didáticos! – dá para sentir o drama: a idéia circulante entre os apaixonados por poesia é justamente o contrário: a de que se você conhece a vida do poeta, ou dos personagens no poema, isto enriquece consideravelmente a leitura. AR acha que esse conhecimento empobrece a leitura e trai o poema, na medida em que aciona justamente o que nele não é poético: a referencialidade.

Conversando com AR, chegamos, eu e ele, a uma ilustração mais ou menos simples para essa atitude recepcional que exclui a (auto)biografia. O mesmo poeta Sérgio de Castro Pinto é autor de um longo e belo poema sobre as figuras históricas de Camões e Lampião, ao longo do texto comparados a partir do fato de que ambos tinham um olho cego.

Em si mesmo, o poema é rico, efetivo, forte, impressionante, como tudo que a mão mágica de Castro Pinto perpetra, mas, – pergunta-se - o que aconteceria se, por acaso, o seu leitor viesse a saber que o poeta Castro Pinto tem, ele também, um olho cego? Isto é fato, é biográfico, porém, somos obrigados a convir que qualquer consideração sobre o assunto, (o poema foi escrito por causa disso? houve identificação? etc...) vai, a partir desse ponto, deixar de ser estudo literário para ser, das duas coisas uma: ou psicanálise (e não textual, mas do cidadão Castro Pinto), ou, mais provavelmente, puro mexerico.

Diferente seria se existisse, na textualidade, um eu também cego de um olho, mas, aí, esse eu textual seria o “eu lírico”, e não o cidadão Sérgio de Castro Pinto. O que nos faz retornar ao mesmo ponto de onde partimos.

É verdade que os franceses já haviam anunciado “a morte do autor” (Cf Roland Barthes), porém, a proposta de AR vai um pouquinho adiante, na medida em que, como já explicado, é mais específica e mais radicalizante.

Enfim, não vou afirmar que a proposta teórica para a leitura do poema concebida pelo meu ex-aluno Antônio Rodrigues não contenha pontos discutíveis, mas, o que quero dizer, neste breve depoimento sobre minhas lembranças acadêmicas, é que muito me orgulho de ter tido um aluno que hoje, se quisesse, não se limitaria a aplicar teorias alheias aos textos que ama, simplesmente por ter sido capaz de conceber a sua própria teoria.

Um aluno que fez mais que o professor.

Em tempo: este texto-depoimento é dedicado à professora Magdeleine Ribeiro, que, na década de oitenta, atuou brilhantemente nesta PPGL, colega e amiga que muito me ajudou a pensar o fascinante e difícil fenômeno poético.